



Data: 13.06.2020

Título: Região de Lisboa com tolerância zero para ajuntamentos

Pub: **Expresso**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;9

Região de Lisboa com tolerância zero para ajuntamentos

Governo quer **mais rapidez na
referenciação** e isolamento de casos
positivos. Foco preocupa especialistas PS

Área: 2274cm² / 58%

FOTO Titagem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 6868311

COVID-19

Alerta Concelhos mais afetados estão a fazer levantamento exaustivo dos locais de risco. Esta semana fecharam mais de 20 cafés e *take-away* em Sintra e Amadora, que potenciavam ajuntamentos na rua. Governo pede à Saúde Pública mais rapidez na intervenção de proximidade dos casos positivos e assegura mais meios. Rastreios sectoriais acabaram

Lisboa declara tolerância zero a ajuntamentos

RAQUEL MOLEIRO

Em Sintra, Amadora, Odivelas, Loures e Lisboa segue-se, em marcha de urgência, o rasto ao vírus, através da vasta rede de capilares que partem de cada novo caso positivo encontrado. O objetivo é travar a transmissão secundária, identificar precocemente as ramificações, cortar-lhe as raízes com testes e confinamento, circunscrever o vírus logo no início. Nestes cinco concelhos, que nas últimas semanas têm concentrado diariamente cerca de 90% das novas infeções, o contágio continua a crescer e a elevada incidência por 100 mil habitantes mantém a região de Lisboa numa curva ascendente que teima em não quebrar. Depois dos grandes rastreios sectoriais — lares, creches,

requerentes de asilo, construção civil e trabalho temporário —, a intervenção da saúde pública passa a apostar na análise caso a caso, e no terreno.

Sempre se seguiram os rastros epidemiológicos dos infetados, mas agora, e pela primeira vez, a informação é partilhada, as equipas tornam-se multidisciplinares e a análise faz-se também *in loco*. À saúde pública, que viu reforçado o número de elementos em cada concelho, juntaram-se técnicos das autarquias, a segurança social e, em alguns casos, a PSP, GNR e associações locais. Assim, em cada caso é possível imediatamente saber com quem mora e contacta, se tem condições de confinamento ou se precisa de ser realojado, se necessita de apoio alimentar ou social e se há precariedade laboral que fragilize o cumprimento do isolamento.

As autarquias passaram também a

ter acesso diário à geolocalização dos casos por freguesias, ruas e prédios — sem identificação dos portadores do vírus —, que era um exclusivo da saúde pública, o que permite visualizar focos de intervenção prioritária e a sua evolução, por quem conhece o terreno como ninguém. Até agora, a maioria dos autarcas não sabia por onde andava o vírus no próprio concelho.

“Na sequência da identificação de dois surtos na Azambuja e em algumas obras, decidiu-se realizar um rastreio nos estaleiros da região de Lisboa e em empresas com grande rotação de trabalhadores. Foram feitos 14 mil testes, que revelaram 10% de positivos na construção civil. O objetivo foi cortar cadeias de transmissão e identificar novos surtos, foi útil, mas os grandes rastreios não devem ser o método, e duvido que se volte a fazer outro desta dimensão. Um teste é apenas





uma fotografia naquele momento”, explica Duarte Cordeiro, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, que coordena o combate à pandemia de covid-19 na região de Lisboa e Vale do Tejo. “O que importa é a rapidez de resposta, e em rede. Nas próximas semanas o foco vai ser a velocidade com que se referencia e isola um caso positivo, e não o volume. Tenho plena consciência do cansaço de todos, mas a saúde pública tem de aumentar a intensidade. E se for preciso serão disponibilizados mais meios.”

A par dos rastreamentos individuais em velocidade, a nova fase de ataque à infeção persistente da região de Lisboa inclui a eliminação de locais potenciais de contágio. Os ajuntamentos nas ruas, à porta de estabelecimentos com consumo para o exterior, multiplicam-se. Em resposta, foi pedido a todas as autarquias da área crítica que fizessem um levantamento exaustivo dos locais mais problemáticos para que sejam encerrados por razões de saúde. Foi o que aconteceu já esta semana a mais de 20 cafés e *take-away* em Sintra e na Amadora. Segundo o comando metropolitano de Lisboa da PSP já foram também identificados 47 jovens em ajuntamentos, a beber bebidas alcoólicas. Na capital, o enfoque está esta semana nos festejos não autorizados dos Santos Populares, com 800 polícias municipais no terreno.

SINTRA Visitas a lares causam contágio

“No início da semana encerrámos oito cafés em Queluz”, revela Eduardo Fonte Nova, vereador da Câmara de Sintra. E há muitos mais identificados no dossiê entregue ao Governo. O seu concelho é presença assídua no topo dos que registam diariamente mais casos de infeção e acolhe quatro das 12 freguesias com focos ativos elencadas esta semana pela ministra da Saúde, Marta Temido. “Não sei bem a que se referem. Para ser rigoroso, das 11 freguesias de Sintra só três, as rurais, têm menos de cem casos. De resto, foram todas atingidas, mas não há propriamente focos, nem em bairros nem sequer em ruas, ou comunidades ou sectores. Penso que os focos referidos são lares de idosos, em que o contágio já ocorreu depois de abertas as visitas de familiares, mas que estão controlados”, explica.

Com cerca de 400 mil habitantes e um desconfinamento superior a 80%, Sintra não espera baixar os números antes do fim do mês. Eduardo Fonte Nova explica o crescimento recente com o aumento de testes a assintomáticos na construção e com a grande mobilidade da população mais jovem, que se “junta muito para além do que é permitido” e cuja sensibilização tem sido particularmente difícil. Talvez por isso não seja de estranhar que no centro de atendimento covid, em Aqualva, nas últimas duas semanas, a média de idades tenha descido.

AUTARQUIAS PASSARAM A TER ACESSO À GEOLOCALIZAÇÃO DOS CASOS, O QUE PERMITE VISUALIZAR FOCOS OU ZONAS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA

AMADORA O vírus da festa chegou à escola

A Amadora debate-se com o mesmo problema, com a agravante de ser o concelho mais densamente povoado do país, 180 mil pessoas aninhadas em 24 km², bolsas de pobreza persistentes e uma percentagem importante da população a trabalhar na construção civil e nas limpezas. “Estaríamos sempre muito expostos. E apesar do trabalho incansável da saúde pública acabaram por se criar focos nas zonas mais sensíveis”, explica a presidente da autarquia, Carla Tavares.

É para a DGS o concelho que “inspira mais cuidados”, por ter a incidência de positivos mais elevada por mil habitantes e quatro freguesias com focos referenciados, onde se localizam, por exemplo, os bairros da Estrada Militar da Damaia, Cova da Moura, Casal da Boba ou Casal da Mira. Foi neste último que, esta semana, a PSP foi chamada para pôr fim a uma festa ilegal. E foi devido a uma festa onde participaram duas alunas da Escola Fernando Namora, na Brandoa, que uma turma inteira

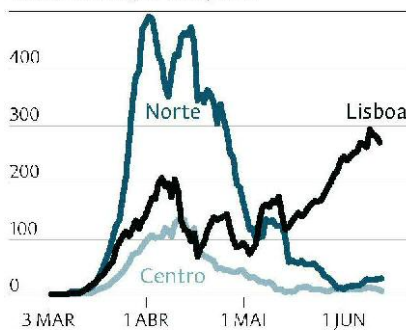
foi há poucos dias de quarentena para casa e o McDonald’s fechou. E foi também pelos aglomerados de pessoas que as autoridades de saúde encerraram 22 cafés e estabelecimentos de *take-away* só na passada terça-feira.

Carla Tavares fala ao ritmo dos fogos que tem para apagar. No concelho, muitos positivos precisam de apoio social urgente. Há dois meses surgiu o primeiro caso a necessitar de realojamento, por não ter condições para realizar o confinamento, e não mais pararam. Filhos positivos que não podem ficar com os pais. Pais que expulsam o filho infetado. Mulher que expulsa o marido positivo. Mãe, pai e bebé positivos. Famílias inteiras, muito numerosas. Os casos são cada vez mais jovens.

“Este não foi um concelho de teletrabalho, a população nunca ficou em casa. E muitos têm receio de verbalizar sintomas por medo de perder o emprego. É muito difícil fazê-los cumprir”, explica a autarca, que assume haver “muitos incumprimentos” do confinamento obrigatório. “Continuo muitíssimo preocupada”, admite. Ainda assim, o cenário nunca chegou a ser tão negro como previu: as três câmaras frigoríficas alugadas para reforçar a morgue foram retiradas há três semanas sem nunca terem sido usadas.

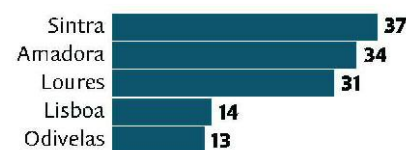
MÉDIA SEMANAL DE NOVOS CASOS

Entre 3 de março e 12 de junho



RANKING DE NOVOS CASOS NA REGIÃO DE LISBOA

Dia 12 de junho



FONTE: DGS

Data: 13.06.2020

Título: Região de Lisboa com tolerância zero para ajuntamentos

Pub: **Expresso**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;9



Área: 2274cm² / 56%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6668311



Data: 13.06.2020

Título: Região de Lisboa com tolerância zero para ajuntamentos

Pub: **Expresso**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;9



Área: 2274cm² / 56%

Tiragem: 123.400

FOTO

4 Cores

ID: 6668311



Amadora é, para a DGS, o concelho que “inspira mais cuidados”, por ter a incidência de positivos mais elevada por mil habitantes e quatro freguesias com focos referenciados

FOTO JOSÉ FERNANDES

LOURES Bater à porta de todos os positivos

Em Loures, o acompanhamento caso a caso saiu à rua em força há duas semanas, já com equipas multidisciplinares, principalmente nas freguesias de Camarate-Apelação e Sacavém-Prior Velho, para bairros como a Quinta do Mocho ou a Quinta da Fonte. “Ainda com os dados em bruto, identificámos pelas moradas um conjunto de zonas e fizemos testes a todos os contactos próximos de todos os positivos, mesmo que estivessem assintomáticos. Até agora só era testado quem tinha sintomas. Nessas localizações fizemos mais de 700 testes. Nos primeiros dias tivemos uns 20% de casos positivos”, conta o presidente da Câmara, Bernardino Soares. “É uma percentagem elevada, mas não é de estranhar. Fomos mesmo ao olho do furacão, à raiz do problema. Não foi uma testagem aleatória.”

O rastreio social e epidemiológico desses casos permitiu já que esta semana fossem atribuídos subsídios, alimentos e encaminhados os que necessitaram de alojamento de emergência. Nos próximos dias começa-se a alargar as áreas de atuação no terreno, a mais três ou quatro zonas. “Não se pode dizer que os casos estão concentrados, mas há problemas em alguns bairros municipais, onde vivem mais trabalhadores precários que frequentam os transportes públicos. Mas não só. O conhecimento específico das localizações permitiu-nos descobrir locais para onde não tínhamos ainda olhado, até com população mais velha”, explica o autarca, que não se cansa de realçar a importância do trabalho em equipa, inclusivamente com líderes jovens dos bairros a ajudar na sensibilização.

A ofensiva no terreno vai levar necessariamente ao aumento dos números em Loures nas próximas semanas.

ODIVELAS A geografia como inimigo

Dos cinco concelhos críticos, Odivelas é o que mais revela sinais de recuperação. O presidente da Câmara, Hugo Martins, acompanha ao dia os mapas dos positivos e ainda não lhe apareceu um foco ou mancha mais pronuncia-

da. “Nunca tive nenhuma situação de especial gravidade. Muitos casos do concelho são funcionários de empresas de trabalho temporário e construção civil detetados nos rastreios. Não há nenhum alarmismo”, garante.

Para o autarca, a geografia não o favorece. Odivelas está incrustado entre Sintra, Amadora, Lisboa e Loures, concelhos com maior incidência de contágio, e o vírus não conhece fronteiras. “Ainda assim, só já temos 158 casos ativos.”

O diagnóstico de Duarte Cordeiro para a região de Lisboa é mais contido. “O vírus não está descontrolado, não está em todo o território, não há rutura do SNS, mas há uma persistência que é preciso trabalhar.”

Com HUGO FRANCO
 rmlheiro@expresso.impresa.pt

Só a Suécia, Polónia e Portugal têm curva ascendente

Suécia, Polónia e Portugal são os únicos países europeus em que a curva de novos casos está a crescer. Todos os outros têm linhas ‘controladas em planaltos’, mostram descidas consistentes ou têm números médios de novos casos residuais. Portugal tem atualmente uma média de 316 novos casos por dia, mais 128 do que no seu ponto mais baixo. Dinamarca e Irlanda, assim como a maioria dos países europeus, têm valores médios de novos casos inferiores a 50. Itália, Espanha, Bélgica e Holanda, alguns dos países mais afetados pelo surto, baixaram as suas médias para níveis inferiores aos de



Data: 13.06.2020

Título: Região de Lisboa com tolerância zero para ajuntamentos

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;9



Portugal, Alemanha e Reino Unido, com números ainda altos, estão em declínio consistente. No final de maio, França mostrou uma subida abrupta, justificada

pela inclusão de casos diagnosticados retrospectivamente. Já a Suécia deixou o longo planalto onde estava desde o início de abril. O valor

diário registado esta quinta-feira foi o mais alto de sempre: 1474 casos. Também a Polónia parece ter saído do planalto onde estava: o valor médio diário

passou de 275 para 450 casos numa semana.
SOFIA MIGUEL ROSA

“Era desejável ter metade dos novos casos diários”

Maioria dos infetados são jovens e geram menos internamentos. Mas a concentração dos casos numa região preocupa

A notícia tem feito o destaque dos boletins diários da Direção-Geral da Saúde (DGS) e o último não foi exceção: Lisboa e Vale do Tejo voltou a concentrar mais de 90% dos 270 novos casos. Mas, neste mês, os valores têm chegado aos 300 por dia. Nas restantes regiões, os números continuam baixos: na 6ª feira surgiram mais 17 no Norte, 5 no Centro, 2 no Algarve e nenhum no Alentejo, Açores e Madeira. É esta assimetria que continua a obrigar a uma monitorização apertada e a manter o nível de alerta.

“Os números estão mais altos do que o desejável. Gostaria que estivessemos com metade”, admite Manuel Carmo Gomes, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL) e colaborador da DGS. A situação só não é mais

preocupante porque entre os novos casos estão sobretudo jovens adultos, menos suscetíveis a desenvolver doença grave. “No final de abril, as novas infeções passaram a incidir sobre idades mais jovens. Os dados que temos mostram-nos que entre as pessoas com menos de 50 anos 6% quanto muito são hospitalizadas”, revela Manuel Carmo Gomes.

O número de internamentos não tem, por isso, acompanhado o aumento de casos na mesma proporção. Ainda assim, a tendência de descida foi interrompida nos últimos dias. Na quarta-feira, as hospitalizações voltaram a superar a fasquia das 400, com sete dezenas em cuidados intensivos.

O valor está muito distante do pico de 1300 internamentos registado a 16 de abril, ou dos aumentos diários de infeções detetadas a rondarem as 800. O problema agora é os números estarem muito concentrados numa região. Os surtos estão identificados, mas é preciso ga-

rantir que não se propagam para o resto da comunidade. A verdade é que se Lisboa e Vale do Tejo “foi muito poupada em março e abril”, com a região Norte a concentrar então mais de metade das novas infeções, os papéis inverteram-se. E a culpa nem terá sido do desconfinamento, avalia o professor da FCUL: “Os casos começaram a aumentar no final de abril, princípio de maio, ainda antes das primeiras medidas de reabertura. O vírus propaga-se onde houver mais pessoas suscetíveis e se houver condições físicas que facilitam essa propagação, como locais fechados, pouco arejados, não expostos a radiações ultravioletas e com baixa humidade. Essas condições encontram-se em dormitórios, cafés, transportes, cantinas. É nesses locais que podem surgir os supertransmissores, quando uma só pessoa infeta 10, 15 ou 20.”

Para Guilherme Duarte, médico de Saúde Pública na área da Amadora, a persistência dos números na Grande Lisboa é

multifatorial: condições de habitação e laborais precárias, densidade populacional, hábitos de socialização, alguma baixa literacia em saúde, a que se junta a dificuldade de fazer passar a comunicação por parte das equipas de saúde pública.

Na Amadora, conta o médico, chegou a circular a ideia de que os negros não apanhavam o vírus ou que os jovens não tinham de se preocupar. “Existe ainda alguma dificuldade em fazer cumprir as medidas de isolamento, que é catapultada pelo medo que deixou de existir, pelo menos como existia no início, e pela saturação das medidas de confinamento. Há pessoas que ao segundo dia já não atendem o telefone das autoridades de saúde”, revela, admitindo que o número diário de novos casos está a deixar as equipas de saúde pública desta área no limite. “Já há inquéritos atrasados e está a ser muito difícil.”

ISABEL LEIRIA
ileiria@expresso.imprensa.pt



Data: 13.06.2020

Título: Região de Lisboa com tolerância zero para ajuntamentos

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;9



As declarações da OMS voltaram a gerar polémica

Responsável da organização desvalorizou o papel dos infetados que não apresentam sintomas na transmissão do vírus

Depois das contradições e mudanças de posição ou de tom em relação ao uso de máscaras, à utilização de determinados medicamentos como o ibuprofeno ou da probabilidade de vir a acontecer ou não uma segunda vaga do novo coronavírus, a

Organização Mundial da Saúde (OMS) voltou a estar envolta em polémica esta semana. Desta vez, em relação ao papel dos infetados que não apresentam sintomas na transmissão do SARS-CoV-2.

Em declarações à imprensa, Maria Van Kerkhove, chefe da unidade de doenças emergentes da OMS, declarou na segunda-feira que “parece ser

muito raro que uma pessoa assintomática seja capaz de infetar um segundo indivíduo”. Isto com base em dados de alguns países que estão a fazer “um rastreio muito detalhado” dos contactos de pessoas infetadas e cadeias de transmissão.

Em muito pouco tempo, as declarações de Van Kerkhove correram mundo — até porque alguns títulos tornaram as palavras da responsável mais perentórias do que realmente tinham sido — e suscitaram um coro de críticas por parte de outros especialistas. Não só porque contrariavam dados que têm sido assumidos como certos, como podiam pôr em causa as medidas de isolamento que têm sido tomadas pelos países. A própria OMS acabou por esclarecer no dia seguinte o “mal-entendido”.

“Desde fevereiro que sabe-

mos que as pessoas infetadas têm capacidade de transmitir este vírus dois a três dias antes de desenvolverem sintomas. As evidências neste sentido são tão fortes que ninguém as pode pôr em causa. E é esta característica, aliás, que explica a rapidez de propagação do novo coronavírus e o seu sucesso face a outros coronavírus que apareceram este século como o SARS-CoV-1 e o MERS”, explica Manuel Carmo Gomes, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e colaborador da equipa de peritos da Direção-Geral da Saúde e do Instituto Ricardo Jorge.

No caso do SARS-CoV-1, identificado em 2002, o vírus causava sintomas severos e doença grave e era nessa altura que a pessoa doente infetava outras. Essa característica fez com que fosse mais fácil parar a propa-

gação e hoje o vírus não se encontra em circulação, lembra Manuel Carmo Gomes.

O problema com as declarações iniciais de Van Kerkhove é que desvalorizaram o papel dos assintomáticos, não fazendo qualquer distinção entre os que são pré-sintomáticos (desenvolvem sintomas dias depois de serem infetados) e os que nunca chegam a manifestar qualquer sinal da doença, apesar de estarem positivos. É sobre este último grupo que existem dúvidas sobre o seu papel nas cadeias de contágio. Não só porque podem passar despercebidos, como seria preciso olhar para uma amostra significativa e que fosse acompanhada ao longo do tempo para despistar efetivamente se desenvolviam ou não sintomas, explica o professor da Faculdade de Ciências. I.L.

Área: 2274cm² / 58%

FOTO Titragem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 6668311